

Parque da Cidade convive com fantasmas do passado

Enquanto Castelinho foi recuperado, bicicletário e pedalinhos decaem

Cristina Fausta

Em 2006, o Castelinho do Parque da Cidade Sarah Kubitschek deixou de ser uma estrutura abandonada e foi revitalizado. Hoje, o local ainda não voltou a ser frequentado pelas escolas, que nos idos de 80, levavam centenas de crianças para passarem o dia no castelo, onde, além das inúmeras possibilidades de brincadeiras, ainda oferece uma bela estrutura para pais passarem o dia com os filhos. Nos vários cômodos dos castelo, há mesinhas, banquinhos, tudo limpo e conservado, perfeito para um piquenique.

Os usuários do parque comemoram a revitalização do castelinho, mas cobram os pedalinhos e o bicicletário e a reativação da Piscina de Ondas, hoje os três fantasmas do parque. Há uma semana, o **Jornal do Brasil** também mostrou a atual situação da piscina, que está fechada desde 1997 e hoje está com sua área totalmente depredada. Mas um problema maior impede que esta diversão volte à tona. É que é preciso fazer licitações para reativá-los, mas o parque, assim como a maioria dos 73 parques do Distrito Federal, não tem registro em cartório, o que impede o processo licitatório.

Segundo a administradora do parque, Joseni da Silva Ferreira, foi criada uma comissão de licitação dentro do Instituto Brasília Ambiental (Ibran) para resolver o pro-

blema. A presidente da comissão, Valéria dos Santos disse que os estudos estão em curso, mas adiantou que os três itens não são prioridade do governo neste momento.

—Todas as áreas do parque estão sob estudo. Mas nossa prioridade são as áreas que estão em funcionamento, que estão com a concessão precária, ou seja, com a licença vencida e com o processo de regularização em análise, como áreas do Nicolândia e da Galetaria Alpinus — explicou Valéria dos Santos.

Falta de pagamento

Joseni da Silva contou que o havia um casal responsável pela administração dos pedalinhos, mas o governo retirou a concessão dos empresários porque eles deixaram de repassar o percentual devido ao GDF. O empresário responsável pelo bicicletário também foi obrigado a deixar o parque por falta de pagamento.

No projeto original do parque, segundo explicou a administradora, está previsto os pedalinhos e o bicicletário, o que aponta que o parque está perdendo suas características.

—Estamos tentando reencontrar a identidade do parque — disse Joseni da Silva.

Curioso

Hoje, a falta de registro impede que haja licitação de áreas do parque. Mas cabe um questionamento. O parque, que completa 30 anos



CASTELINHO — obra foi revitalizada e está pronto a ser aproveitado para as brincadeiras das crianças, mas dificuldades formais impediram que a reforma chegasse ao parquinho (ao lado) e a áreas mais sofisticadas, como a tradicional Piscina de Ondas ou mesmo o bicicletário

em outubro, nunca teve esse registro cartorial, embora houvesse — e há — concessões do governo para empresas trabalharem nas dependências do parque.

— As concessões eram liberadas aleatoriamente. Por isso, hoje temos tantos problemas — explicou Joseni da Silva.

A falta do registro ainda abre precedência para outras irregularidades. As tendas de massagens e de venda de alimentos são um dos grandes problemas que a administração tem hoje. No enfrentamento pela regularização, a administradora tem até enfrentado ameaças de morte.

— Há um fator legal nesse governo que é a coragem do go-

vernador José Roberto Arruda de regularizar a cidade e, consequentemente, o parque. A Vigilância Sanitária já esteve aqui, fez um relatório e disse que a situação dos vendedores de alimentos aqui é irregular. A situação dos massagistas também. Não podemos deixar que aconteça no parque o que ocorreu na cidade, ou seja, que haja puxadinhos e ambulantes por todo lado — disse Joseni da Silva.

Setorização não é respeitada

Outro desvirtuamento do parque é a setorização, que também faz parte do projeto inicial. A arquiteta Joana Tanure fez mestrado na UnB sobre o tema e sua dissertação foi sobre o o projeto original do parque e como

ele foi implementado. Segundo ela, o parque deveria cinco setores: administrativo, cultural, esportivo, o pavilhão e a área do lago.

—Cada setor tinha as suas funções previstas, mas esse plano sequer chegou a ser implementado. Isso ocorreu porque Elmo Serejo, governador da capital no final da década de 70, teve pressa em inaugurar o parque e atropelou o projeto — disse a arquiteta.

Joana Tanure procura um meio para divulgar seu trabalho e contar a população de Brasília a história do parque.

— Os brasilienses não conhecem a o valor cultural e até artístico desse parque que é inovador — justificou Joana Tanure.